JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR
ANO 4 · NÚMERO 24 · ABRIL MAIO 2025

Editorial

— António Braz
Presidente do Conselho Diretivo da U.S.G.

Caros Alunos e Professores,

Os meses de Abril e Maio trazem sempre datas importantíssimas para a nossa história e comemorá-las é uma grande honra.

Juntos, dignificámos o legado e a memória do 25 de Abril com uma celebração conjunta muito bonita.

Maio proporcionou-nos a oportunidade de celebrar o Mês do Coração e dedicar algumas atividades ao âmbito da saúde. E teremos ainda outras, nas quais contamos com a participação de alunos nossos.

Estaremos representados na XII Gala de Dança Sénior, momento de encontro entre Universidades de que todos poderão desfrutar.

Iremos, também, pela primeira vez, celebrar os Jogos Olímpicos das Universidades Sénior do Concelho de Gondomar, os quais serão uma mostra dos nossos projetos de envelhecimento ativo no seu melhor, com confraternização e competição sadia.

Mais informo todos e todas que estão abertas as renovações de matrículas para o próximo ano letivo e esperamos acolher tantos ou mais alunos como este ano.

E, claro, sintam-se todos convidados a comparecer nas nossas mensais Tertúlia, ConVida e Poesia no Parque.

Bem-haja!

O Poder do Dinheiro

— Diamantino Torres

A aldeia, pequeno lugar, é bordejada de montes que se elevam no horizonte. Esta e outras aldeias têm a seus pés uma albufeira que se espreguiça até onde a vista alcança. Do centro da vila até a aldeia a estrada é estreita e sinuosa. Em certas partes, a estrada municipal é ladeada de muros em pedra granítica que no Inverno são forrados de musgo e líquenes. Dentro desses muros avistam-se bosques de carvalhos alvarinhos que foram no passado a árvore dominante nas florestas minhotas. Árvores que foram, a pouco e pouco, sendo substituídas pelos eucaliptos, árvores exóticas, que crescem muito rápido o que as torna economicamente mais rentáveis. A sua proliferação, rápida e desordenada, tornou-se uma praga, uma monocultura, que tudo exaure à sua volta.

Aqui e ali vêm-se casas de lavoura, enormes, em ruínas, que apesar da sua degradação ainda mostram vestígios de glórias passadas, quando a atividade agrícola, sem mecanização, era reinante nestes locais longe das grandes urbes.

Com o surto migratório, principalmente para o Brasil e França, no início do século XX, a partir da década de 60 do século passado e para os grandes centros urbanos as terras foram ficando despovoadas e a população que lá ficou envelheceu.

Vêm-se pequenas manadas de bovinos que vão comendo, dos campos verdejantes, ervas e outras iguarias vegetais. Algumas vacas, de raça barrosã - autóctone do Minho-, já saciadas, vão ruminando aquilo que ingeriram.

Um mocho galego pousa num poste e fica até à última, observando, com os seus grandes olhos, uns caminhantes que de forma desajeitada o tentam, com os seus telemóveis, fotografar. Quando estão prestes a cativá-la, no registo fotográfico, a pequena ave de rapina notívaga lança-se no espaço deixando os fotógrafos inconsoláveis. Já não conseguiram reter o excêntrico pássaro, na câmara do telemóvel, para mais tarde publicar nas redes sociais.

Junto às margens daquele extenso lençol de água uma manada de éguas e poldros da raça garrana - raça equídea autóctone das serranias do Minho e de Trás-os-Montes - galopam em liberdade. Numa parte mais estreita, a nado, atravessam para outra margem onde o pasto é mais abundante.

É possível, sem grande dificuldade, observar um grande conjunto de aves, nomeadamente aves de rapina, corvos marinhos, guarda rios, gaios, poupas, pintassilgos, rolas bravas, melros etc.

Também, além dos equídeos já mencionados vivem ali raposas, javalis, ginetas, lobos, sendo estes difíceis de observar devido aos seus hábitos principalmente notívagos.

Reformados, juntam-se tranquilamente nas margens mais acessíveis para praticarem a pesca de lazer e principalmente para conviverem fugindo ao isolamento que a inatividade pode provocar.

Alguns negócios, pequenos, ligados à restauração, pequenas unidades de alojamento, atividades sustentáveis, ajudam os locais a comporem os seus orçamentos. Negócios situados em zonas com boas qualidades paisagísticas tirando partido das vistas de tirar o fôlego ou da proximidade das águas refrescantes.

Também, com apoios europeus, tem sido possível manter algumas atividades agrícolas como criação de gado bovino, caprino, ovino e porcino. Produção de frutos, de acordo com as potencialidades da região e produção de mel havendo aqui uma participação fundamental das abelhas na polinização.

É este o modelo económico desta região. Vive-se frugalmente acompanhando os ciclos da natureza sem a saturar aproveitando a lenha para aquecer as casas, as hortaliças que se cultivam na horta que alimentam as pessoas, mas também os animais: porcos, galinhas, coelhos.

Novos tempos:

Estes lugares preservados têm sido cobiçados por pessoas endinheiradas e por investidores gananciosos que vêm neste filão, dotado de belezas paisagísticas preservadas, um meio de ganhar dinheiro, muito dinheiro. Tentam convencer as populações e autarcas, a pretexto de gerar emprego, mais rendimento e qualidade de vida. Querem alterações ao PDM para poderem construir condomínios de luxo. Compram prédios rústicos na esperança de que sejam urbanizáveis. E então árvores são abatidas, montes arrasados, a terra esventrada! Começa o negócio: loteamento, vedações, muros, cancelas. Pressão sobre as infraestruturas: abastecimento de água; saneamento básico, recolha de resíduos, trânsito a infestar as humildes e sinuosas rodovias. Toda esta vertigem construtiva para ricos.

Os que lá vivem em permanência e sempre viveram vão ficar prisioneiros nos seus guetos e ver os detentores da riqueza a destruírem o seu modus vivendi e acima de tudo a natureza.

Os velhos pescadores verem os seus caminhos vedados e a poluição exterminar os peixes e sequestrar os animais selvagens em espaços cada vez mais reduzidos.

Será isto progresso?

CORDOBA; da Catedral-Mesquita

— Lino de Castro

Não sendo uma mentira clássica e graciosa deste dia, foi aos vinte minutos do dia um de abril que cerca de meia centena de seniores gondomarenses partiu em autocarro de longo curso da, provavelmente, maior ‘base nabal’ do País rumo a terras ensolaradas da formosa Andaluzia.

Encetavam aqueles mayores a sua viagem anual de ‘finalistas’, sempre voluntariamente discentes a cada ano da nossa muito estimada Universidade Sénior de Gondomar. Longo e demorado foi o trajeto noturno, nem sequer acompanhado lá do alto por alguma luz mesmo que discreta de Selene, até à que em idos tempos foi a segunda maior cidade do Islão nascente, Córdova, no Al-Andalus.

Apenas ao zénite do astro-rei, no La Cueva, restaurámos algum do nosso apetite, servido com faca e garfo ao cabo de mais de doze horas de carência deles.

Após o repasto, magro, bem “cansaditos”, por centenas de quilómetros termos andado, embora nenhum deles a pé, deambulámos pelo casario velho e comercial da cidade, e naturalmente como turistas que éramos visitámos a segunda maior mesquita daquele tempo ido, da Idade Média, o da maioridade arquitetónica (e cultural) da civilização muçulmana (séc. X-XIII), construída desde o século X junto à margem direita do afamado Guadalquivir.

Nossos guias turísticos, bons conhecedores da história dos antepassados andaluzes, islamitas e cristãos, orientaram os nossos passos e olhares, e serviram e aumentaram os conhecimentos dos presentes sobre a arte islâmica de há muitos séculos, a beleza dela ali lavrada em pedras de variada origem, qualidade e policromias, da catedral da cidade.

Impressionante começa por ser, desde o início da visita aquela mesquita, a imensa floresta de colunas, finas e com arte elaborados os seus capiteis com volutas diversas, cúbicas, moçárabes, outras, mais de 850 distribuídos por 24.000 metros de superfície (área semelhante à de dois campos de futebol). Aos arcos simples, ou abobadados a maioria, unindo quase um milhar (até mais já o foi) daquelas colunas, sucedem-se as portas e os portais magníficos, belos, plenos de fantasia geométrica, arabesca, esculpida sobre a pétrea superfície; e logo depois, ao lado, sem algum sentir incómodo de sobressalto para arte diversa da contígua antes apreciada, eis a grandiosidade, a magnitude do gótico, expressa no altar-mor da catedral, nas diferentes capelas adjacentes, nos dourados retábulos, no imenso cadeiral dos clérigos, etc, etc. Nas cúpulas, várias, islâmicas ou cristãs, os desenhos nelas gravados são de indiscutível beleza, ora islâmica ora ogival. Esta catedral, antiga mesquita, é um oceano de estilos de expressão decorativa, ali inscrita ao longo de séculos, desde o estilo mudéjar do séc. XIII ao isabelino do XIX, intermediados também pela do plateresco.

De incontestável beleza é igualmente a custódia de Arfe (autor: Enrique Arfe), até pela grandeza dos seus mais de dois metros de altura. Merecedor também de olhar apreciativo é a torre-campanário que, antes da Reconquista (1236) foi o minarete da mesquita e, desde então, revestida de gótico, passou a ser da renomeada Catedral de Santa Maria la Mayor.

Todo um mundo de arte e de beleza admirável ali construído. Inclusive criações artísticas que, em combinado posicional intencional com certas incidências de raios de luz do rei Hélio, chamam para si maior brilho decorativo enquanto epiderme da

arquitetura erguida, que as sustenta. A catedral-mesquita é uma vasta grandiosidade para qualquer regalo apreciador, que quase nos inebria os sentidos. Reconheçamos que não foi por algum capricho momentâneo que a Unesco classificou em 1994 a Catedral de Córdoba como património da humanidade.

Ah, Alhambra!

Ao segundo dia da nossa excursão, cedo na manhã segunda de Abril dirigimo-nos para a cidadela de Alhambra. Este conjunto arquitetónico, construído ao longo de diferentes épocas, assenta sobre a 'colina vermelha', ao fundo da qual, a Norte, corre o rio Darro, este de que a cidadela se aguada.

No conjunto edificado conjugam-se diversos valores de arquitetura e decorativos, os quais continuam sendo considerados obras-primas da arte, especificamente da islâmico-ibérica.

Após muitas batalhas, ganhos e perdas de territórios, intrigas e dissensões internas, e em acordo com o rei Fernando II de Castela e Leão, foi Muhammad Ibn Nasr quem tomou as rédeas do Al-Andalus, em 1236, e a partir dele nasce a dinastia Nazari. Foi esta linhagem de governantes que elevou o esplendor de Alhambra, assim como foram os seus derradeiros descendentes a assistir à decadência artística da cidadela e ao colapso do reino de Granada, em 1492. (Cristóvão Colombo encontraria, sem o saber, um Novo Mundo dez meses depois).

O que principalmente visitámos naquela pérola de arte almeriense, que compreende uma área de treze hectares, muralhados nos seus 2.200 metros de perímetro, foi o património artístico construído pelos nazaris, mormente palácios e jardins, no decorrer de cerca de três centúrias, até ao anoitecer do século XV.

A vários acedemos, desde o palácio de Carlos V (I de Espanha, onde o rei terá vivido as suas núpcias), este não Nazari, aos palácios nazaris. Nestes apreciámos os espaços de Mexuar, de Comares, e do superfamoso Pátio dos Leões; terminando o périplo inevitavelmente no mais afastado espaço-retiro do Generelife e seus belos jardins.

Não somos de modo algum especialistas ou sequer bons conhecedores com suficiente estofo académico para dissertarmos acerca da diversidade ou variedade dos estilos ou das técnicas usadas naquelas criações, assim, em nossa ignorância, todas elas olhadas e admiradas por um leigo na matéria, todavia fortemente impressionado pela visão geral ou pormenorizada daquela imensa criação artística, projetada, construída ou 'colada' a portas, portais, lambris, janelas, tetos e esplêndidas abóbadas; e embelezante em colunas ou pilares, nos arcos das galerias, pátios e até jardins. Cremos que se designa aquela arte especial, única, por islâmico-granadina.

Não nos foram dados a conhecer os edifícios que serviram de centro de administração da cidade de Granada, de quarteis, de escolas, da mesquita. Contudo, em aqueles que nos levaram a visitar, os palácios reais para receções de altos dignitários, e outros para as vivências próprias, aposentos de reis e infantes, servidos por belos corredores de acesso e pátios interiores, em cujas portas, janelas e arcadas não é visível ou sensível o seu peso corpóreo, mas antes se percebe uma subtil obra de colmeia, quase sempre banhada por luz perolada, em todos muito apreciámos, deslumbrados, a arte, ou as artes, neles realizada. As colunas das salas e salões, de fino cilindro, criam no visitante a sensação de que toda a estrutura que se eleva acima delas parece iludir a gravidade, que ela não existe.

Mais do que a constelação arquitetónica erguida, será o elaborado artístico decorativo de Alhambra que impressiona pela sua magnificência e beleza, a sua abundância multimiríade desenhada em gesso e em estuque, de detalhe geométrico, em arcos de sublime rendilhado, em madeiras nobres, em mosaicos, em cantaria de diversas colorações, espraiando-se tal arte islâmico-granadina por lambris de cerâmica, o alicato, quase tateáveis, paredes, portas e portais com múltiplos arabescos desenhados, janelas, e abóbadas de primorosa criação artística, de inegável beleza aos céus erguida, quiçá uma turvada visão celestial pelo nosso olhar sentida. Poesia escrita e talhada em pedra e em diversos outros materiais, indubitavelmente uma obra-prima esplendorosa. Que encanta. Extasia. Os Palácios de Alhambra mostram uma especial arquitetura, mas, sobretudo, um oceano decorativo ímpar, imenso ... e sereno. Glorioso/a Alhambra! A sua Arte é um deleite deslumbrante para os sentidos, um estímulo para qualquer excelsa imaginação. Como não poderia ser também classificada pela Unesco?

Longa vai já esta crónica, mas não a queremos terminar sem mencionar o espetáculo de Flamenco a que assistimos, em Sevilha, na noite do último dia inteiro da nossa viagem de finalistas pelas terras luminosas de Andaluzia (anormalmente nubladas e com alguma chuva naqueles dias). Foi ele, na verdade, uma exibição superior do afamado tablao flamenco a que todos ficámos rendidos ante a mestria exibida no bailar sapateado dos dançarinos, adornados com seus trajes brilhantes e vaporosos, elas, negros e despretensiosos, eles, em El Palacio Andaluz.

Enfim, cremos que todos, sem exceção, gostámos, 'adorámos', o que vimos e desfrutámos, e, como que com 'água na ... ideia', queremos mais. Para o ano vindouro. Também assim somos felizes na nossa `fábrica de felicidade`.

Comédia... fresquinha, fresquinha!

— Etelvina Ferreira

Hoje apetece-me falar de figuras públicas - daquelas que são sempre fiéis aos eleitores e das quais o discurso é sempre agradável de ouvir e predispõe ao sorriso.

O primeiro que me vem à ideia é o Sr. Manuel, o Dom Juan da sorveteria ambulante. Encontra-se quase sempre junto à foz do Douro, perto do paredão, quando o sol derrete e a areia ferve. Calções floridos, chinelos desiguais – um com o "Mickey", outro com o "Sininho" -, um boné da Sagres e uma gelataria pintada de azul que já viu melhores dias.

- Geladooos! Gelados caseiros com sabor a pecado! Temos de limão, para quem anda amargo, morango para os apaixonados e chocolate... para quem anda carente e precisa de consolo!

As crianças largam as mãos, os pais abanam a cabeça e as avós sorriem com malícia. Um senhor gorducho, personagem saída dos quadros de Botero, aproxima-se:

- Ó amigo, tem gelado de menta?

- Menta não, mas tenho de barriga de freira! Quer experimentar?

Todos se riem. Ele continua, impávido, abrindo novamente a tampa da geladeira, como que a espreitar o Santo Graal.

- Quem quer este aqui, com sabor a "noite de verão"? Leva manga, maracujá, mamão e um toque de mistério. Dois destes transformam a sogra numa senhora simpática!

Uma senhora - de vestido transparente que deixa adivinhar um biquíni branco com bolinhas pretas e, na cabeça, transporta um chapéu rosa - aproxima-se a sorrir.

- Ó sr. Manuel, o que leva esse "toque de mistério"?

- Ah, minha senhora...se eu dissesse, deixava de ser mistério, não acha?

Desço à praia, abro o guarda-sol e espero, estendida na toalha, corando o corpo como a sardinha na brasa. Não sei até porque levo o guarda-sol! Talvez seja uma tentativa de aprisionar as conversas e o cheiro a maresia.

Lá ao longe surge o vendedor de bolas de Berlim, a empurrar uma geleira azul -a lembrar um piquenique doce -, que anuncia:

- Bolinhas, bolinhas doces, mas fresquinhas. Comprem, comprem o pecado de lamber os dedos. Comprem uma e arrisquem ir para o inferno..., mas de sorriso doce nos lábios

Uma turista, que vem para experimentar tudo - der por onde der - compra uma.

Ele agradece com um sorriso desdentado e, com um piscar de olho, diz na língua oficial do trabalho de verão:

- Vai e si – e faz o gesto de levar os dois dedos aos olhos - que this derrete in the boca. Come certes promessas d'été.

Na Feira de Gondomar, que se realiza semanalmente, à quinta feira, também é possível encontrar estas figuras típicas do nosso povo.

Costumo demorar-me na barraca da D. Guidinha, observando o monte de cuecas a um euro e os montes de meias - uma obra de arte! Segundo ela já vendeu de tudo: desde meias anti suor até cuecas anti amantes. Mas o que ela vende mais são sonhos, ilusões e até traumas. Tem uma língua afiada e um dom para a psicologia popular.

- Chegue-se freguês, chegue-se! Hoje temos promoção: três tangas pelo preço de dois insultos à sua Ex.! E ainda leva um sorriso meu como brinde de oferta.

Uma jovem, envergonhada, aproxima-se e espreita os soutiens.

- Que género prefere? Quer levantar o astral, menina? Tenho aqui um que levanta tudo.

A jovem ri e pega num de cor vermelho paixão.

- E este aqui?

- Esse é perigoso, para a sua idade. Já destruiu dois casamentos e uma amizade colorida. Quer embrulhar ou "provocar" logo?

Ao lado um homem de olhar perdido pergunta:

- Tem cuecas para a minha mulher? O que aconselha?

- Depende... queres umas que te levante o astral, ou queres umas que te incentive a esquecer?

O homem não sabe que responder.

- Compra as duas, homem! Junto tem oferta de terapia de casal. Mas atenção...as duas prometem fidelidade, mas não levam garantia.

Neste vai e vem também costumo visitar a tenda do peixe, porque à quinta-feira é dia de peixe fresco e mexericos. É aí que me cruzo com a senhora Micas, a peixeira filósofa lá do sítio, que costuma percorrer as ruas estreitas da feira puxando uma carroça de duas rodas a cheirar a maresia. Com mãos calejadas e uma t-shirt que diz "O que importa é este cheiro a mar", a Micas peixeira vende muito mais que carapaus. Vende conselhos, indiretas e alguma filosofia à la carte.

- Olha a dourada! - surge o pregão. – Dourada como os olhos do teu ex., mas esta não te deixa na miséria!

As senhoras riem, escolhem o peixe com ar de desconfiança – não dele, mas da própria vida.

- Venham freguesas. Esta aqui é fresquinha, chegou ontem de Peniche. Quis fugir ao marido e veio parar à minha banca.

Ao lado a banca dos queijos e enchidos. Um senhor, de bigode e olhos esbugalhados, para em frente e pergunta, apontando para um queijo da serra:

- Este engorda?

- Engorda sim. Mas sabe o que emagrece? A tristeza. E essa eu não vendo.

No fim parece-me que todo o mundo está a representar uma peça e eu pergunto a mim mesma se este não será o melhor teatro do mundo: o dos que vendem com palavras, embrulham com graça e dão troco às gargalhadas.

Exposição de Alunos

No dia 24 de abril, pelas 15h00, teve lugar a inauguração da Exposição "Amor, Liberdade e Abril", integrada nas comemorações do 25 de Abril, no átrio da Universidade Sénior de Gondomar.

Agradecemos de forma especial aos 15 alunos da Universidade Sénior de Gondomar e ao professor Artur Sousa pela energia, empenho e dinâmica demonstrados na organização e apresentação da exposição, que celebra os valores da liberdade, da democracia e da participação cívica.

Muito obrigada à professora Laura Carvalho, à sua mãe e alunos, que prepararam com afinco e dedicação, a decoração inerente ao 25 de Abril.

Tertúlia

No dia 27 de abril, realizou-se a nossa Tertúlia de Poesia, dedicada ao 25 de Abril.

Queremos expressar a nossa profunda gratidão à professora Assunção Coelho, nossa querida anfitriã e ao Quarteto Amizade, que abrilhantou a noite com melodias cheias de emoção.

Agradecemos também a todos os que se juntaram a nós nesta celebração tão especial, onde homenageámos a liberdade conquistada há 51 anos, com tanta dignidade.

O 25 de Abril ensinou-nos que a liberdade nasce da coragem e floresce no coração de um povo.

Caminhada

No dia 9 de maio, alguns alunos da Universidade Sénior de Gondomar desfrutaram de uma agradável caminhada desde a Praia Fluvial do Areinho até à Ribeira do Porto. Tivemos oportunidade de passear pela bonita zona ribeirinha de Gaia e brindar com um vinho do Porto fantástico.

Relógio de Gelo

— João Paulo Pinto

Sempre fui apaixonado pela arte. Adoro ler a respeito dos artistas e apreciar os seus trabalhos. Leonardo da Vinci, Michelangelo, Van Gogh, Henri Matisse, Picasso são alguns exemplos de clássicos que me fascinam. Contudo, a arte contemporânea vai para além das telas e ganha as ruas, os espaços urbanos, os prédios, as calçadas, as pontes, a natureza — o mundo torna-se o seu palco — e é essa arte pulsante e viva, por refletir diretamente o nosso tempo, que tem captado a minha atenção.

Uma dessas manifestações artísticas ocorreu entre o período de 30 de novembro até 11 de dezembro de 2015, e realizou-se na Conferência do Clima de Paris (COP21), evento que reuniu 195 países com o objetivo de reduzir a emissão de gases para conter o efeito de estufa no nosso planeta.

Na época, a temperatura da terra estava a aumentar e o derretimento das calotas polares nos extremos do planeta já eram visíveis. Inclusive, já se podiam ver vários icebergs a formar-se a partir do desprendimento desse gelo.

O artista plástico islando-dinamarquês, Olafur Eliasson, grande defensor dos assuntos ambientais, encontrou uma forma muito especial para denunciar a urgência de se lutar contra o aquecimento global.

Trouxe doze cubos de gelo monumentais, cada um pesando cem toneladas, vindos de icebergs da Gronelândia, que foram dispostos em forma de relógio na frente do Panthéon, em Paris, durante a semana em que aconteceu o evento.

O peso desses blocos não foi escolhido aleatoriamente: cem toneladas é o volume de gelo que derrete a cada centésimo de segundo no mundo por causa das mudanças climáticas. Os enormes blocos de gelo dispostos em forma de relógio estariam a derreter durante todo o período da conferência. Assim sendo, no final do evento, na sexta-feira, só restou a água derretida.

Essa obra em frente à COP21 foi altamente impactante e significativa. A simbologia de um relógio de gelo a derreter-se mostra-nos o que o aquecimento global pode fazer não só com as calotas polares, mas também com todas as espécies e nos seus habitats. Os blocos de gelo dispostos junto ao Panthéon, sede da conferência, conectam-nos e aproximam-nos do que está acontecendo a milhares de quilómetros.

De facto, a ideia do artista era que as pessoas tocassem essas imensas pedras de gelo, as admirassem, sentissem a sua energia, compreendessem o processo de derretimento que está a acontecer ao nosso redor.

Realmente foi isso que aconteceu naquela ocasião. Relatos contam que as pessoas que passaram pelo local e viram todo aquele gelo, derretendo rapidamente, sensibilizaram-se e sentiram a necessidade de fazer algo para evitar o desastre iminente.

Quando chegou o final da conferência, no dia 11 de dezembro de 2015, sexta-feira, todo o gelo havia derretido. A água que escorria pelo Panthéon, em Paris, era a prova de que devemos agir, e rápido, se quisermos salvar o nosso planeta. O artista plástico, Olafur Eliasson, antecipou-nos, através do seu relógio de gelo, o que nos aguarda num futuro próximo se não fizermos nada de concreto a esse pedido de socorro.

Apesar do impacto que a obra causou nas pessoas que passaram pelo local, na época, e da urgência de atitudes concretas necessárias para evitar o aquecimento no nosso mundo, pouco ou nada se tem feito para evitar uma catástrofe global.

Infelizmente a pauta económica tem se sobreposto à pauta ambiental. Quantos relógios de gelo serão necessários para consciencializar os líderes mundiais e as pessoas de que o nosso planeta está pedindo socorro? É uma pergunta para a qual não tenho resposta. Apenas espero que, quando acordarmos para a realidade, não seja tarde demais.

Cravos de Riso Encarnado

— Milú Almeida

Tenho um solitário na sala
com três flores vermelhas
nele mergulhadas.
Estão lindas, frondosas,
seguras e espevitadas.
Não são mais que meros cravos
que trouxe de um teatro ...,
mas, desta vez, são flores
que me embrulham em desejos
bem fundamentados.

Se puderdes, ó cravos
vermelhos, peço-vos:
- cantem-me cantigas antigas
que falem de liberdade;
- com toda a vossa cor e firmeza
regai a terra com muita paz;
- livra-nos dos trengos
que esfarrapam vitórias,
outrora conquistadas
com uma fome voraz;
- ajudai-nos a sermos Mulheres
com opiniões, direitos,
reconhecimento e feitos.

Marulhar em pó ou guerras,
em maluquices trajadas
de poder doentio,
em cinzas e o diabo a quatro,
como silvo do final do dia
ou poema sem eira nem beira
é algo que ninguém deseja.

Cravos são o símbolo do povo,
são riso encarnado
que não se desfaz,
flor que não envelhece,
na harmonia de uma prece,
num vislumbre de seara

ondulada e eficaz,
no pão que nunca falha
numa viagem repousada ...
como o sorriso dos amantes
antes de adormecer ...

Impressões Andaluzes

— Etelvina Ferreira

O sol adormece em seus tons dourados,
a terra murmura segredos de antanho.
Os passos nómadas dos antepassados,
ciganos errantes, filhos do vento,
dançam no pó das estradas perdidas,
traçando destinos em fogo e lamento.

Nos pátios brancos, nas sombras mouriscas,
sussurram califas em noites sem tempo.
Nos arcos da Alhambra, o eco dos sonhos
desenha arabescos de luz e tormento.

O verão suspira num quente silêncio,
onde a calmaria embala as manhãs.
Quando o sol beija o último horizonte,
o andaluz canta o eterno flamenco,
no compasso ardente das almas irmãs.

As Gardénias

— António Ferraz

Murcharam as gardénias que me deste,
tal como eu perderam-se no tempo,
cada pétala é um riso desbotado
sem um sonho sequer, sem um alento.

De tanto te esperar, adormeceram
enganadas no sonho da ilusão,
pouco a pouco perderam a brancura
e ganharam a cor da solidão.

Olho-as, agora, e vejo desenganos,
pétalas tristes, almas sem carinho,
noite após noite, olho-as pra me ver
como quem vê um último caminho...

Envie os seus textos, fotografias ou pinturas para jornalalunosusg@gmail.com ou entregue-os na secretaria.

Partilhe memórias, reportagens, poemas, diários, crónicas, resenhas, canções, receitas, enfim, o que tiver na gaveta ou na cabeça e que tem de dar a conhecer aos seus colegas da Universidade Sénior de Gondomar!

E não se esqueçam que temos todos os textos (mesmo os que não cabem na edição impressa) na Internet, através de https://hermesusg.pt/

O Talento

— Artur Sousa

O talento tem múltiplas formas de ser materializado.

Pode ser uma competência, uma aptidão, uma capacidade de relacionamento com o outro...

Enfim, é uma fonte inesgotável de criatividade a dotar a nossa existência pessoal e coletiva desse propósito de vida, ser um Ser completo e como tal feliz.

Mas, quando o ambiente ao nosso redor é semelhante a um recipiente cravado de furos, independentemente do tamanho destes pela sua disseminação, nada se vai acumular.

O talento não retido pura e simplesmente perde-se gerando infelicidade, frustração, desânimo, desespero, perante a parede que nos rodeia, impede ou simplesmente anula a possibilidade de atingir esse patamar de felicidade pessoal de quem sabe fazer, quer e tem habilidade para mais desejando ser mais que a banalidade das coisas e das relações.

Investir energia em lugares ou pessoas que não valorizam o que tens para dar, oferecer é como tentar encher um balde furado, por mais que te esforces em aportar líquido (substância) ao recipiente; a perda é tal que o resultado será sempre o desperdício de vontades, de saberes, de disponibilidade para gerar as novas possibilidades.

O problema não está em o quanto temos a oferecer, a dar, mas o local ou as pessoas que a vida, as circunstâncias, o acaso nos colocou no caminho.

Todos os dias sou confrontado com boa gente, a qual dotada de um talento sem fim a quem os que rodeiam parecem ter um infinito prazer em arreliar, causar entropia, gerar obstáculos, anular repetidamente a vontade daquele ou daqueles seres humanos de na partilha do seu talento serem um pouco mais felizes saindo da banalidade das coisas e dos dias.

Incomoda-me, o sofrimento do outro! Perturba-me a minha incapacidade em ajudar a retirar aquelas pedras do caminho do outro a quem sei que pode e deseja ser mais na virtude do saber fazer e naturalmente assim aceder a um pouquinho mais de felicidade.

Na una, efémera e irrepetível existência temos o direito de dar asas ao talento sem que nos impeçam de o realizar em nosso favor e da comunidade.

Vivemos rodeados de concidadãos tacanhos, mesquinhos incapazes de reconhecer no outro aquela vontade, esse desejo de fazer mais! Simplesmente fazer mais.

Estes têm um rosto, um nome, são nossos amigos, colegas, filhos...

Temos de ajudar gerar a mudança. Para uns pode não ser importante dar uso a um talento. Mas, há sempre alguém ao nosso redor que sofre, é alvo de malfeitorias por revelar um talento querer fazer mais e por tal alvo a abater por alguns dos que a ou os rodeiam.

A resposta será sempre buscar os ambientes que valorizem, sustentem e potencializem o que somos capazes de fazer certo!

O problema é encontrar essas pessoas e os lugares onde tal seja possível. Até porque, num território como a Ocidental Praia não é fácil.

Perdem-se as forças na sobrevivência diária.

Será só incapacidade coletiva? Destino? Inveja? Tacanhez? Má formação? Ou a provação a ser superada nessa busca pelo lugar e pessoas onde finalmente seja possível dar essência ao humano no fazer e no sentir?

A abundância da mediocridade corrói as boas almas.

Não deveríamos estar já num estádio de desenvolvimento onde a felicidade também se faz e encontra no talento de cada um?

Um bom dia a abundar de boa vontade!